



OS INDÍGENAS TABAJARA DA PARAÍBA: Tradição, Transformação e Resistência

Glício Freire de Andrade Júnior¹

Lusival Antonio Barcellos²

Grupo de Trabalho (GT): 7 – Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas

Resumo

O texto aborda a relação entre os indígenas Tabajara da Paraíba e a fé cristã, particularmente no contexto das igrejas pentecostais. Historicamente, a cultura indígena foi vista com fascínio, mas também com repulsa, levando à dominação e ao extermínio de vários povos. Mesmo assim, a cultura Tabajara se mantém rica e diversificada. Nos últimos anos, muitos Tabajara se converteram ao cristianismo, o que levantou questões sobre o impacto dessa mudança na preservação de sua identidade étnica. A pesquisa analisou como a conversão influencia a luta dos Tabajara pela afirmação cultural, destacando a interseção entre tradição e modernidade. O estudo investigou quais elementos culturais são preservados ou redefinidos nesse processo, refletindo a capacidade da cultura de se adaptar ao longo do tempo.

Palavras-chave: Indígenas Tabajara, Identidade Étnica, Cultura Indígena.

1 Introdução

A representação do índio como 'o outro', 'selvagem', 'exótico' foi o meio retórico utilizado para que ocorressem as mais grotescas formas de domínio, escravidão e extermínio em nossa história com relação a esses povos. Sem dúvida, aspectos de sua cultura como costumes, língua, culinária, crença, deixaram aí de ser reconhecidos. Pode-se afirmar inclusive, que no decorrer desse tempo, colonizadores e muitos outros tentaram silenciar os povos indígenas, negando-lhes sua história, suas práticas. Esse olhar acerca da cultura

¹ Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Educação Básica do Estado da Paraíba. Contato: gliciofreire@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. Contato: lusivalb@gmail.com

indígena continuou existindo e ainda está presente na sociedade, principalmente através de manifestações de preconceitos e discriminação.

Mas a cultura indígena é imensamente rica. Com efeito, ela é detentora de um vasto conhecimento, saberes e práticas. Ademais, seus rituais, usos e costumes também são plurais. Lévi Strauss (2012) na obra *O pensamento selvagem*, destaca que os indígenas possuem um profundo e complexo conhecimento e que suas sociedades são diversificadas. O autor reconhecia, portanto, a potencialidade desses povos. Concordamos com Lévi Strauss, afinal segue-se daí o desejo dessas sociedades buscarem continuamente preservar seus traços, sua identidade étnica, suas instituições e padrões culturais. Entretanto, como a cultura se constrói no tempo, *per si* ela é maleável, seus elementos modificam-se ainda que por razões distintas. Ou como afirma Junqueira (1991, p.17), “os padrões de comportamento, as instituições, os valores materiais e espirituais de um povo são sua cultura. Assim toda sociedade possui uma cultura, elaborada e modificada no decorrer de sua história”. A cultura, portanto, é a mola propulsora para o encadeamento de nossas ideias e percepção de mundo. A esse respeito também indicava Geertz (1989, p. 50): “em vez de a cultura funcionar simplesmente para suplementar, desenvolver e ampliar capacidades organicamente baseadas, lógica e geneticamente anteriores a ela, ela parece ser o ingrediente dessas capacidades”. Em suma, um ser sem cultura não é capaz de perceber a realidade, nem a si mesmo.

Nessa esteira, se inscreve a história social e cultural dos povos indígenas do Brasil. Acrescenta-se aí que nos últimos anos, vem se impondo como fato característico dos povos indígenas do Nordeste, o chamado processo de etnogênese. Que processo seria esse? São movimentos protagonizados por populações nativas reivindicando o reconhecimento de suas memórias, padrões culturais, etc. Nesse rol, incluem-se tanto a emergência novas identidades quanto a reorganização de etnias já existentes. Em especial, aqui, analisaremos a situação dos povos Tabajara da Paraíba. Veremos que os indígenas Tabajara, na busca pela preservação de seus territórios e traços étnicos, continuam enfrentando muitos conflitos. Um desses conflitos está no campo da religiosidade.

Os Tabajara, mesmo após o período da colonização, mantiveram-se ligados a fé cristã. Sem abandonar os preceitos da tradição, conservando ainda vários elementos de seu sistema de crença ‘originário’, indígenas Tabajara, nos últimos anos, se converteram ao cristianismo, principalmente como fiéis de igrejas pentecostais. Dos motivos que levaram a esse ‘deslocamento’ religioso destacam-se fatores socioeconômicos quanto aspectos relacionados a própria escolha pessoal. Nesse contexto, apresentamos duas hipóteses interpretativas: a relação dos Tabajaras com a fé cristã professada pelas igrejas pentecostais intervém na manutenção dos sinais diacríticos de sua indianidade, em sentido positivo e principalmente

negativo, pelo fato das igrejas não os reconhecerem etnicamente; ou talvez tenhamos um novo paradigma de pertença, onde não haveria nenhuma fronteira rígida que se impusesse sobre a identidade religiosa desse povo.

2 Fundamentação teórica

Compreender o universo religioso dos povos indígenas é algo complexo e ao mesmo tempo, instigante; instigante devido a abundância de elementos existentes. Um dos principais elementos que compõe a identidade indígena e por seu turno, sua religiosidade é o Toré. O Toré também possui uma notável variação semântica. Segundo Oliveira (2004, p. 9) no Nordeste, onde estão boa parte das tradições indígenas brasileiras, o Toré é concebido como uma “expressão lúdica e organizadora, íntima e emblemática, definida pelos indígenas como ‘tradição’, ‘união’ e ‘brincadeira’, que é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que se reivindicam como indígenas”. Trata-se ainda de uma dança e uma forma de expressão política. Ele também é visto como sagrado pois, afirma e delimita a presença indígena em um dado espaço.

Além do ritual do Toré, um aspecto que marca a religiosidade dos chamados nativos é a forma transmissão dos seus ensinamentos. Em algumas culturas, os responsáveis são os mais velhos, os chamados ‘troncos velhos’. Em outros, era o ‘pajé’ quem detinha o saber. O pajé utilizava locais coletivos, como as matas, para tratar do bem-estar físico e espiritual do seu povo (Barcellos, Farias, 2015). Afora essas características, salta os olhos o fato de que, devido a relações de opressão, os povos indígenas tiveram que enfrentar as máculas do colonialismo, qual seja: à conversão ao sistema de crença do dominador, nesse caso, a evangelização cristã. O projeto de colonização tinha como propósito à total submissão dos nativos aos interesses reais. A submissão aqui também significava a ‘aceitação’ da fé cristã. Como os demais habitantes da terra ‘conquistada’, os nativos tornar-se-iam fiéis da Igreja. Daí que projeto de submissão fosse também um programa de expansão do credo religioso do sistema dominante. A dominação, portanto, além de material, seria simbólica (Bosi, 1994).

Acreditamos que qualquer tentativa de descrever a religiosidade indígena será nesse sentido, incompleta, dado que há elementos nesse espectro que se metamorfoseiam tacitamente e dispensam o olhar do investigador. Escolhemos os povos indígenas da Paraíba para tratar a questão, em específico o povo Tabajara. A Paraíba tem uma forte relação histórica com os povos indígenas. Conforme Barcellos e Farias (2012, p. 16), no estado paraibano, “os dados referentes à história indígena indicam que, a partir do século XIX, os indígenas passaram gradativamente por um processo de extinção ao mesmo tempo em que eram dispersos”. Havia dois grupos, os Potiguaras do litoral norte, e os Tabajaras do litoral sul. Os Potiguaras foram considerados como o único povo indígena paraibano, os Tabajaras

após um período de ausência na história indígena da Paraíba, encontram-se em processo de reconhecimento. Em linhas gerais, o ressurgimento do povo Tabajara chama atenção, pois na luta por direitos e autoafirmação, discute-se até que ponto essa tradição mantém seus elementos de origem e de que modo ela acabou se entrecruzando com outros grupos. O campo acadêmico é fértil em análises desse âmbito. É possível mostrar que nenhuma cultura se encerra em si mesma, pois como vimos, culturas subjugadas, a exemplo da cultura nativa, sofrem influências das culturas ditas majoritárias.

2.1 Sobre a história e a religiosidade Tabajara

Do início do século XVII até meandros do século XX os Tabajaras ocuparam seu território tradicional que se localizava na microrregião do litoral sul paraibano. Antes disso, porém, no século XVI, a história dos Tabajaras tem registros de constantes conflitos e alianças, não só com colonizadores, mas também com os Potiguaras (Gonçalves, 2007). Após a ocupação lusitana na Paraíba (1516), os índios Tabajaras e outros foram submetidos ao *regimento do aldeamento*. Conforme Barcellos e Farias (2012) a prática do aldeamento tinha como desafio fazer do índio um sedentário. O aldeamento (e conversão) dos nativos era liderado por religiosos, colonos e soldados e tinha como propósito “domesticar essas populações introjetando os valores e normas portuguesas no universo cultural indígena” (Barcellos, Farias, 2012, p. 80).

As origens do povo Tabajara remontam assim a um cenário de jugo e tirania. Além da exploração econômica, do brutal anseio de ‘conversão’, das tentativas de extermínio, a cultura Tabajara testemunhava a violação de suas tradições e elementos mais sagrados. Devido a isso, preocupados com a sobrevivência de seu povo, os Tabajaras foram forçados a migrar de suas terras para outros locais. Conquanto, após um longo período de exclusão, o povo indígena Tabajara ressurgiu. A partir do processo denominado etnogênese, o grupo vem fortalecendo-se, buscando sobretudo, o reconhecimento de sua indianidade e demarcação de seu território.

Dentro do processo de etnogênese, um dos aspectos reavivados e reelaborados pelos Tabajaras é o aspecto religioso. O campo da religiosidade, de uma maneira geral, para esse povo, não pode ser descrito em termos substantivos, isto é, não se trata da simples enumeração de crenças e práticas. Primeiramente lembramos que ele guarda até certo ponto uma continuidade do período colonial dada a influência do cristianismo católico. “A população Tabajara desenvolveu-se recebendo como herança ideológica e cultural a influência do pensamento religioso católico através da ordem religiosa franciscana” (Barcellos, Farias, 2015, p. 173). Mas, ao contrário do que se poderia supor, que religiosidade originária estava cedendo lugar a religião cristã e que tais populações assimilariam de modo integral o credo

dominante, o que se assinala atualmente na religiosidade desses povos é um conjunto de crenças muito diversificado.

Até o século XIX a catequização foi um dos principais instrumentos de conquista e domínio dos povos nativos Tabajaras. Além de seu próprio sistema de crença, pode-se dizer que o catolicismo foi, à época, a única religião institucionalizada praticada por esses povos. Depois da diáspora ocorrida nesse período, quando foram expulsos de seu território tradicional, é que eles começam a ter contato com outros ritos religiosos, principalmente os ligados a matrizes cristãs evangélicas (Barcellos, Cózzar, Farias, 2015). Daí temos que os traços culturais que constituem um grupo étnico mudam, e que a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique no seu esvaziamento. Dentre as matrizes evangélicas que os nativos Tabajaras tiveram contato, a de maior pungência foi a tradição pentecostal. Aqui vale a pena delinear o lugar e características dessa tradição no cenário religioso contemporâneo, bem como os desdobramentos de sua incursão dentro da cultura Tabajara.

2.2 Identidade étnica e o universo religioso Tabajara: limites e desafios

Tudo o que mencionamos anteriormente denota como o universo religioso vem se reconfigurando. Além disso, esse cenário revela que nos encontramos continuamente diante o *diferente*; somos diferentes não apenas em termos de religião, mas também, comportamento, pensamento, etc. São esses seios labirínticos que favorecem a o surgimento do pluralismo. Entretanto, no caso do universo religioso, por exemplo, ele “obriga ao autoquestionamento ou ao descentramento, provocando um movimento contínuo de autoavaliação e de permanente validação dos sistemas religiosos tradicionais, já que os indivíduos são atravessados pelo conjunto de bens simbólicos à disposição” (Fernandes e Pitta, 2006, p. 147).

Ao nosso ver, essa reviravolta de percepção é profícua, pois leva a reflexão crítica de questões antes cristalizadas. Uma dessas questões, conforme Arruda (2012, p. 164) é pensar que, “apesar de diferentes entre si, os povos e culturas nunca estiveram totalmente isolados, ocorrendo sempre trocas culturais em maior ou menor grau. Tanto por processos criativos internos quanto por contato com outras, as culturas mudam sempre”. O autor lembra também que apesar de todo hibridismo cultural, hoje muito forte em todas as sociedades, o que “continua caracterizando a particularidade cultural dos povos é o *modo como incorporam* os elementos de fora” (Arruda, 2015, p. 164, grifo do autor).

No caso específico da religiosidade Tabajara, a incorporação de elementos, pelo menos nos últimos tempos, está ligada diretamente ao contato com igrejas pentecostais. O modo como isso vem ocorrendo é que tem despertado cada vez mais atenção. Como vimos, são muitos os tipos de crença do povo Tabajara, além de considerarem sagrada a natureza,

dão suma importância às forças espirituais. “Uma delas é a Mãe Terra, lugar sagrado, onde moram os espíritos de luz, os encantados, as forças espirituais e diversas entidades, como o Pai Manguê” (Barcellos, Farias, 2015, p. 143). Além do reconhecimento desses fenômenos, muitos indígenas Tabajara recorrem a Deus para atender suas necessidades. Em um primeiro plano, essa dupla pertença não parece problemática. Em termos mais práticos, é que encontramos alguns conflitos:

A prática da reelaboração do ritual do Toré tem causado constrangimento para os Tabajara de segmento pentecostal histórico ou tradicional, pois não comunga com o ato de fumar o cachimbo e entrar em sintonia (invocar) com os espíritos dos ancestrais; eles acreditam haver manifestação de seres malignos. Visão que os colonizadores tinham em relação às manifestações religiosas indígenas (Barcellos, Farias, 2012, p. 181).

Pelo que vimos, poderíamos então supor que para manter sua indianidade, sociedades indígenas como a Tabajara, deveriam permanecer fiéis às referências da tradição, começando pelo campo religioso. Contudo, não é isso que queremos defender, mas sim problematizar a própria noção de identidade desses povos, que é permeada ainda por uma série de confusões. Em um trecho bastante provocativo, Arruda (2015) afirma que é equivocada a ideia que temos sobre a concepção de autenticidade de uma cultura. Essa concepção já superada pela antropologia, sustentava o seguinte: um povo que adota muitas práticas culturais de outro, perde sua autenticidade, torna-se ‘aculturado’. Isso que ocorreria com o universo religioso Tabajara, caso não compreendêssemos que crenças e práticas, componentes da cultura de um povo, são dinâmicos. Essa ideia vai de encontro a percepção da religião como foco de resistência cultural e de preservação da identidade étnica, difundidos em tempos de outrora.

São diversos os processos de mudança do universo religioso. No caso dos Tabajaras, nos detivemos apenas a sua relação com o pentecostalismo. A identidade religiosa Tabajara pode ser descrita hoje bem mais em termos de múltipla pertença, que como uma rígida fronteira. Essa mudança está diretamente relacionada a fatores socioculturais, e a própria escolha do indivíduo. No interior desse complexo processo, gostaríamos de ressaltar ainda um aspecto: a perspectiva da múltipla pertença coaduna com a ideia de trânsito religioso. No trânsito sincrônico, o indivíduo transita ao mesmo tempo diversos por grupos religiosos, assumindo uma multiplicidade de crenças (Floriano, 2002). Aqui consideramos não a mudança de filiação religiosa, mas o trânsito de ideias e crenças. O indígena convertido, admite a pertença a fé cristã, participa de suas atividades, mas mantém-se ligado à sua ancestralidade.

3 Metodologia

Considerando que a Ciência das Religiões constitui um campo de conhecimento multidisciplinar, pode-se falar que suas abordagens epistemológicas e metodológicas de também são plurais. Pesquisas que utilizam como objeto de estudo o homem, a cultura e a religião geralmente se alinham a investigações antropológicas, sociológicas, histórica e fenomenológicas.

Nos aportando nesses aspectos, esta investigação terá o seguinte caminho metodológico: partiremos da pesquisa documental e da revisão bibliográfica sobre a história dos indígenas Tabajara, e logo após nos deteremos ao trabalho etnográfico, por meio da observação participante e aplicação de questionário. A pesquisa documental tem sido uma prática comum entre aqueles que se debruçam sobre os povos indígenas contemporâneos, afinal muito do que ocorre no presente remonta-se a fatos e resquícios do passado, sejam esses fatos interpretados pela literatura especializada quanto pelos indígenas. No trabalho etnográfico tentaremos conhecer os principais rituais, os costumes, observaremos como se dá toda essa devoção à natureza, como participam dos cultos pentecostais, sua receptividade e dedicação, etc. Corrobora Laplantine: “a etnografia só começa a existir a partir do momento no qual se percebe que o pesquisador deve ele mesmo efetuar no campo sua própria pesquisa, e que esse trabalho de observação direta é parte integrante da pesquisa” (Laplantine, 2007, p. 75).

Considerações Finais

Os resultados da pesquisa doutoral analisados, revelam transformações na vida dos Tabajara relacionadas ao contato com o pentecostalismo. Os que participam das atividades religiosas pentecostais, seguem as orientações, conforme norteia a tradição cristã. Oram e invocam a presença de Deus em diversos momentos: nas horas das refeições, das comemorações, nas datas especiais, nos momentos de tribulações, nos momentos de conflitos, nos cultos semanais, na ceia mensal etc. Seguem o preceito da evangelização, logo, sentem-se na missão de anunciar a palavra de Deus, momento ápice de manifestação de fé cristã, dentre outros.

Fazendo um recorte analítico desses aspectos, chega-se à percepção clara de que a religiosidade Tabajara passou por fases de rupturas, assim como vêm se reelaborando. Entretanto, essa mudança ganha relevo exatamente no momento em que a comunidade reivindica seu lugar de pertença, seu território, suas memórias e sua cultura.

Hoje, existe uma grande valorização pelo movimento indígena, da mãe terra, da natureza sagrada, da força dos encantados, dos espíritos de luz, enfim, das raízes ancestrais dos povos originários. Entre os Tabajara, há indígenas que coadunam com essas orientações. Entretanto, a grande maioria dos indígenas Tabajara aldeados é pentecostal praticante e só

o tempo dará as respostas para esta complexa conjuntura de resistência, religiosidade e de etnicidade dos Tabajara da Paraíba.

Referências

Tipo	Exemplo
Dissertação, Tese, Monografia, TCC	ANDRADE JÚNIOR, Galício Freire de. <i>Toré e cultos pentecostais: resistências, limites e desafios do universo cultural religioso dos indígenas Tabajara da Paraíba do século XXI</i> . 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.
Livro	ALVES, Rubem. <i>Religião e repressão</i> . São Paulo: Loyola; Editora Teológica, 2005. BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane. <i>Memória Tabajara: manifestações de fé e de identidade étnica</i> . João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane; COZAR, Juan Soler. <i>Paraíba Tabajara</i> . João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. BOSI, Alfredo. <i>Dialética da Colonização</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 1994. COSTA, Surrain Santos Ismael da. <i>Ritual da Lua Cheia: Espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba</i> . 2022. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. FERNANDES, Sílvia R. Alves; PITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil. <i>Religião e Sociedade</i> , Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 120-152, jul./dez. 2006. GONÇALVES, Regina C. <i>Guerras e Açúcares: política e economia na capitania da Paraíba, 1585 - 1630</i> . São Paulo: Edusc, 2007. GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. <i>Ciência e Cultura</i> , São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008. GEERTZ, Clifford. <i>A interpretação das culturas</i> . Rio de Janeiro: LTC, 1989. GONÇALVES, Regina Célia. <i>Guerras e Açúcares: política e economia na capitania da Paraíba, 1585 – 1630</i> . São Paulo: EDUSC, 2007. JECUPÉ, Kaka Werá. <i>A terra de mil povos: história indígena brasileira contada por um índio</i> . São Paulo: Petrópolis, 1998.

JUNQUEIRA, Carmen. Antropologia Indígena: uma introdução. São Paulo: Edusc, 1991.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.). *A viagem de volta*: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2004.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais*: origens e começos. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo*: de onde vem, para onde vai? Viçosa: Ultimato, 2004.